

## Homilia de 31 de maio de 1949

### Apresentação

Como se sabe, o dia 31 de maio de 1949 constitui o terceiro marco da história de Schoenstatt. São vários os conteúdos que o caracterizam:

- Ele marca sobretudo a cruzada do «pensar, amar e viver orgânicos» na luta contra a «*mentalidade mecanicista*»;
- Assinala também o esforço do fundador para que Schoenstatt seja reconhecido como uma obra da Igreja e, nessa qualidade, incorporado no seu organismo;
- Finalmente, sob a designação de «*corrente de retorno*», este marco chama a nossa atenção para a importância e a missão original dos santuários filiais e a sua vinculação orgânica ao santuário original.
- Também o «entrelaçamento de destinos» entre «Cabeça e membros» – «*fundador e fundação*» – (termos usados já a 20 de janeiro de 1942) se revestem de uma ênfase própria nesta época de confrontação.

A 31 de maio de 1949, a primeira parte da *Epistola Perlonga* foi colocada sobre o altar do Santuário de Bellavista, em Santiago do Chile, que tinha sido inaugurado poucos dias antes, no Domingo de Pentecostes, a 20 de maio. Ainda não estava totalmente terminado e erguia-se no meio de um descampado. Era realmente um símbolo da pobreza humana.

Na *Epistola Perlonga* o Padre Kentenich defendeu o seu pensamento e os princípios da sua fundação contra as objeções da visitação episcopal de fevereiro de 1949. Assinalou então os perigos do pensar mecanicista no seio do clero alemão, receando, naturalmente, duros golpes contra a sua pessoa e a sua Obra por parte das autoridades eclesásticas.

Assumindo essa ocasião como a sua oportunidade, nesse dia memorável, o Padre Kentenich proferiu uma homília no novo Santuário. Os ouvintes diretos presentes eram irmãs de Maria que tinham sido enviadas para o Chile pouco antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial (ou seja, uns 15 anos antes) e ainda ali se encontravam no começo da edificação da sua comunidade naquele país. A isso se deve a alusão à «impotência» na homília, como símbolo da situação em que se vivia.

A homília é um importante documento histórico. Refere-se a toda a temática do terceiro marco e reflete também a atitude do Padre Kentenich que o leva a dar o «salto mortal» por si mesmo e pela sua obra. Na sua perspectiva, esse marco exigia esse salto mortal, o qual deu origem a um exílio de 14 anos que quase levou a Obra a ser proibida pela Igreja.

O texto desta homília resulta da combinação de três fontes: apontamentos estenográficos de 1949, excertos de uma conferência da chamada «Carta a José» (in *Das Lebensgeheimnis Schönstatts*, Parte I, pp. 184-189) e uma fonte do ano de 1996 elaborada no Chile (texto das Irmãs de Maria, em alemão, datado de 5 de outubro de 1996). Também pode ser comparado com a versão «Texte zum 31. Mai 1949» (Santiago do Chile, 1974, páginas 1-13).

### Sumário

- (1)-(2) O Santuário de Bellavista como lugar santo e a corrente de retorno
- (3)-(6) Peso de uma missão na deposição da *Epistola Perlonga* sobre o altar
- (7)-(12) A nossa fraqueza – impotência – perante uma missão que nos supera
- (13)-(15) Uma grande missão para o Ocidente: vencer o «pensar mecanicista»
- (16)-(17) As lutas do Padre Kentenich na sua juventude
- (18)-(21) Quem tem uma missão deve ser-lhe fiel e cumpri-la
- (22)-(23) Maria, que também «se sente impotente», procura instrumentos que a ajudem
- (24)-(26) Queremos oferecer-nos a Maria para a ajudar na sua missão
- (27)-(34) Confiamos totalmente em Maria e entregamo-nos a ela sem reservas
- (35)-(36) Prosseguimos juntos, «uns com os outros»

(1) É como se a atmosfera da pátria nos rodeasse neste instante. Parece que é como se estivessem anjos no meio de nós e nos dissessem: «Tira as sandálias, porque o lugar onde estás é terra santa» (Ex 3, 5). Sim, é santo, e quer tornar-se mais e mais santo, numa terra santa. Terra santa, porque Nossa Senhora escolheu para si este lugarzinho; terra santa porque, no decurso dos anos, das décadas e dos séculos, a partir deste pedacinho de terra, sairão, crescerão e trabalharão, de modo fecundo, homens santos; terra santa, por fim, porque, a partir daqui tarefas santas, isto é, tarefas que santificam, serão colocadas sobre débeis ombros humanos.

(2) É um facto histórico que Schoenstatt veio até nós, o «velho Schoenstatt» ao «novo Schoenstatt». A partir de hoje – assim me parece –, a partir daqui, temos a tarefa de cuidar de que o novo Schoenstatt encontre o caminho de regresso até ao velho Schoenstatt. A torrente de graças que de lá fluiu para cá na plenitude do Terceiro Documento de Fundação, e que continua a fluir permanentemente, quer regressar à fonte, levando-lhe abundantes bênçãos. Este devia ser o sentido profundo da celebração de hoje. É um dom gratuito e, simultaneamente, uma pesada missão.

(3) Reunimo-nos aqui, nesta silenciosa hora vespertina, para entregar solenemente a Nossa Senhora o trabalho comum que para Ela fizemos. Digo que foi um trabalho feito em comum porque, enquanto eu escrevia dia e noite, na retaguarda estavam a implorar para mim o Espírito Santo no nosso Cenáculo. Não se cansaram de fazer abundantes sacrifícios pela mesma intenção. Sobretudo, esforçaram-se por viver o dia a dia a partir da *Inscriptio*.

(4) Com esta entrega solene aceitamos uma carga que ombros humanos não podem suportar, quando entregues a si mesmos. Mas esperamos também uma grande bênção para o Ocidente, e sobretudo para a nossa pátria. De lá fomos enviados como instrumentos nas mãos da nossa querida Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, para ajudar aqui a realizar os planos da Sabedoria e do Amor divinos. Tentámos fazer o que esteve ao nosso alcance.

(5) Será uma retribuição, um reconhecimento, uma honra para nós admitirmos que ela, a partir de hoje, nos quer usar a partir daqui para alcançar uma influência com repercussão mais poderosa na configuração dos destinos da Igreja no espaço cultural do Ocidente? É claro que, quando ouvimos a palavra «Ocidente», pensamos sempre em primeiro lugar na Alemanha.

(6) Posso expressar o que move as nossas almas neste momento? Posso pôr em palavras o que se passa nos nossos corações? Viemos para oferecer e para ser presenteados. Trocamos com Nossa Senhora a impotência, a disponibilidade para ajudar e a fidelidade: oferecemos-lhe a nossa impotência e ela oferece-nos a sua impotência; oferecemos-lhe a nossa disponibilidade e ela oferece-nos a sua disponibilidade; oferecemos-lhe a nossa fidelidade e ela oferece-nos a sua fidelidade.

(7) Este exercício de intercâmbio recorda-nos, sem querer, que o pensamento central que sempre nos move, que nos impulsiona constantemente para a frente, mas que também nos assegura uma tranquilidade inabalável em todas as situações, é o pensamento da Aliança. Assim, mais uma vez, a Aliança está no primeiro plano dos nossos interesses. Ela dá-nos resposta a todas as perguntas que reclamam uma solução. Ambos os interlocutores da Aliança, que há tanto tempo se pertencem mutuamente, estão de novo frente a frente neste momento, neste lugar santo.

(8) O que trazemos, o que oferecemos é a nossa impotência.

É a nossa impotência económica. Pensem bem por uns momentos. Penso, em primeiro lugar, nas dificuldades económicas que temos de suportar... Aqueles que assumiram esta responsabilidade direta querem agora oferecer com simplicidade, com todo o amor e todo o fervor das suas almas, esta impotência à Mãe do Céu.

(9) Trata-se também de uma impotência física. Os que vieram para cá em breve se aperceberam dos inconvenientes do clima. O corpo rapidamente sentiu a sua debilidade. E, se pensamos que sobre estes ombros débeis deveria ser edificado um mundo novo, somos forçados a admitir que o nosso corpo é demasiado frágil para o clima e as tarefas que nos foram confiadas.

(10) Que oferecemos a Nossa Senhora? Chegamos com as mãos cheias: trazemos a nossa impotência económica, a nossa impotência física, mas também a nossa impotência espiritual. Nós, especialmente os que viemos da Alemanha, mesmo que sejamos intelectualmente ágeis, sentimos fortemente a nossa impotência! Não sabemos falar a língua. E como nos sentimos incapazes de transmitir os nossos dons espirituais! O coração transborda, a cabeça está cheia e, no entanto, não posso falar. Todos sentimos algo semelhante. Mesmo que alguém domine mais ou menos a língua, não conseguiremos expressar-nos com a rapidez e a forma suficientemente eficazes para conseguirmos tocar a alma das pessoas. Esta é a nossa impotência espiritual. Com todo o fervor da nossa alma, oferecemos esta impotência a Nossa Senhora.

(11) O que todos nós sentimos mais profundamente é a nossa impotência moral. Onde despertou o amor filial, quanta impotência se chega a sentir! Quanto maior é o grau de amor filial, tanto mais se aprofunda a consciência da nossa debilidade. Só quando a criança for pequenina é que poderá vir a ser grande. Isto acontece-nos a todos, sem exceção: quanto mais nos aproximamos de Deus, tanto mais nos apercebemos da escuridão da nossa alma. Assim oferecemos a Nossa Senhora toda a nossa impotência moral.

(12) E, por fim, oferecemos-lhe também a nossa impotência religiosa. Quantas vezes nos sentimos frios e pobres diante de Deus! Quereríamos ser como fogueiras a arder por Cristo e pelo divino. Por um lado, há um profundo anseio e, por outro, a realidade é muito diferente daquilo que seria arder como uma fogueira. Por isso, vimos oferecer esta múltipla impotência a Nossa Senhora.

O desamparo de um dos contraentes consiste, principalmente, na angústia motivada pela pesadíssima tarefa que se lhe voltou a confiar e que agora novamente assumiu para o Ocidente.

(13) Referia, há pouco, a grande tarefa que temos, como pequena Família, aqui no Chile. Mas também o motivo que hoje à tarde nos reúne chama a atenção para o facto de Deus nos ter confiado uma grande tarefa para todo o mundo, e especialmente para a Europa, para o Ocidente. De que tarefa se trata? Trata-se de desmascarar e curar a raiz, o último germen da doença de que sofre a alma ocidental: o pensar mecanicista.

(14) Tenho razões suficientes para supor que Deus impôs, neste sentido, uma pesada carga aos ombros da Família. A «lei da porta aberta» disse-me persuade... Quem tem uma missão deve ser-lhe fiel e cumpri-la.

(15) O que agora escrevi ao episcopado alemão deverá causar feridas. Neste sentido, caminhamos com grande risco. Quem é que se arrisca a apresentar-se diante das autoridades eclesíásticas da forma como o fazemos por meio deste trabalho tão transcendente? Uma coisa assim pode dar muito maus resultados. Mas quem tem uma missão deve ser-lhe fiel e cumpri-la. Missão de profeta traz sempre consigo destino de profeta. Quem tem uma missão deve permanecer-lhe fiel e entregar-se a ela. Para isso está a grande Obra de Schoenstatt! Vemos o Ocidente cair em ruínas e vemos surgir daqui uma contracorrente.

(16) Quando recordo como tudo aconteceu... Tudo é um enorme presente que Deus me deu: a maneira de pensar orgânica, em oposição à maneira de pensar mecanicista. Esta foi a luta pessoal da minha juventude. Nela pude lutar até vencer aquilo que hoje abala o Ocidente até às suas raízes mais profundas. Deus deu-me uma inteligência clara, e por isso tive de passar durante anos por provas de fé. O que me conservou a fé durante todos esses anos foi um amor profundo e cálido a Maria. O amor a Maria oferece sempre, por si só, esta maneira de pensar orgânica.

(17) As lutas terminaram quando me tornei sacerdote e pude criar, formar e plasmar o mundo que trazia dentro de mim. A especulação constante encontrou um processo de cura na vida normal do dia a dia. É esta também a razão pelo qual conheço tão bem a alma moderna, aquilo que causa tanto mal ao Ocidente. A quem devo agradecer tudo isto? Vem do Alto – sem dúvida de Nossa Senhora – o grande presente. Deste modo foi-me possível, juntamente com a doença, experimentar também no próprio corpo, e com enorme amplitude, o remédio.

(18) A missão inequívoca de Schoenstatt para o Ocidente, especialmente para a nossa pátria, frente ao coletivismo que avança poderosamente e tudo destrói, encontra-se diante de um muro que só pode ser derrubado, efetivamente e em grande escala, quando o referido bacilo for vencido e afastado.

(19) Cada um, à sua maneira, pode ajudar a carregar este peso e partilhar a missão da Família. Mas temos de contar com o facto de o trabalho poder ferir profundamente corações nobres na pátria, despertar uma violenta indignação e provocar uma onda de fortes e duros contragolpes. Não nos devemos admirar se isso gerar uma frente de homens cheios de influência, uma frente comum poderosamente unida, contra mim e contra a Família.

(20) Humanamente falando, temos de contar, por último, com a possibilidade de a tentativa falhar completamente; contudo, não podemos sentir-nos dispensados de correr o risco. Quem tem uma missão deve cumpri-la, ainda que isso conduza ao abismo mais obscuro e profundo, ainda que se exija que a um salto mortal se siga outro salto mortal. Missão de profeta traz sempre consigo destino de profeta.

(21) Vemos o Ocidente cair em ruínas e acreditamos que somos chamados, a partir daqui, a realizar um trabalho de salvação, de resgate, de construção e de edificação. Acreditamos que temos de nos oferecer como instrumentos para impulsionar uma contracorrente para os países que outrora nos contemplaram com a cultura que hoje temos.

É por isso que temos a coragem de pronunciar com São Paulo: «Non possum non praedicare», ou seja «não posso deixar de pregar!» (cf. At 4, 20; 1 Cor 9, 16). Não posso fazer outra coisa senão tomar a palavra!

Compreendem a grandeza desta enorme missão face à nossa fraqueza. Sentimo-nos como David a enfrentar Golias (1 Sm 17). Penso no salto mortal que tive de arriscar em 1942 e estou consciente de que desta vez ele se repete. Se não pudéssemos contar com a disponibilidade de Nossa Senhora para nos ajudar, nunca teríamos ousado dar este passo tão arriscado.

(22) Por outro lado, se me faço compreender, penso que poderia acrescentar: não só eu, não só nós, mas também Nossa Senhora está impotente perante esta situação. É verdade que Ela é a onnipotência suplicante diante do trono de Deus, mas também, segundo os planos do Amor Eterno, ela não pode prescindir de instrumentos humanos dóceis e de boa vontade.

(23) Visto que, desde o Primeiro Documento de Fundação, assumiu a tarefa de se mostrar na Alemanha, a partir do nosso Santuário, de forma preclara como a vencedora de todos os erros coletivistas, ela – expresse-me de maneira humana – procura ansiosamente com o seu olhar instrumentos que a ajudem a realizar esta tarefa.

(24) Trazem a vossa impotência. Também eu venho com a minha, a qual já há muito tempo foi assumida por Nossa Senhora.

Queremos então entregar-nos por inteiro. Oferecemos a nossa disponibilidade para ajudar Nossa Senhora porque estamos muito interessados neste trabalho. Eu não quero fazer nada sem a vossa colaboração. Oferecemos, uma vez mais, todas as nossas forças a Nossa Senhora. E também a nossa fidelidade. Permanecemos fiéis, aconteça o que acontecer. Não há nada maior do que poder oferecer, sempre de novo, à nossa querida Mãe a nossa fidelidade e a nossa disponibilidade para a ajudar...

O que é que nos oferece Nossa Senhora? A sua impotência. Também nós esperamos que Ela nos confie a sua impotência. Nossa Senhora está desamparada tal como Deus Omnipotente está desamparado. Deus é Todo-Poderoso e, ao mesmo tempo, apresenta-Se sem poder algum. Ele quis ficar sem poder ao fazer-Se homem. Tal como o Menino no Presépio, assim está Deus sem nenhum poder. Se nós não cooperarmos, nem Deus nem Nossa Senhora poderão realizar as suas tarefas. Nossa Senhora está desamparada perante a tarefa que deve cumprir aqui no Chile. Ela quer ser a educadora do povo. Ela oferece-nos agora o seu desamparo.

(25) Que outra alternativa nos resta, senão pormo-nos, sem reservas, à sua disposição no sentido da nossa consagração, aceitar os seus desejos, entregar-nos novamente a ela e deixar-lhe a responsabilidade pela grande obra, na qual nós, em dependência dela e no interesse da sua missão, podemos colaborar,

sofrer, sacrificar-nos e rezar? Nossa Senhora está impotente, sozinha nada pode. É uma honra para nós poder ajudá-la.

(26) Nossa Senhora tem uma grande tarefa em relação ao Ocidente. Uma vez que me fez compreender isto, exige-me também que lhe entregue tudo. É isto que é belo e grande, e que mais uma vez nos une: trazemos a Nossa Senhora a nossa impotência e Ela oferece-nos a sua impotência, mas também a sua disponibilidade para ajudar. Que exige de nós em troca? O reconhecimento da nossa impotência.

(27) Claro que gostaríamos de lhe pedir: «Mãe, liberta-nos de todas as preocupações!». Mas, se elas desaparecessem, que seria de nós? Poderíamos dizer as mais belas palavras, mas estaríamos cheios de egoísmo.

(28) Ela vem até nós como a grande educadora. Oferece-nos a sua capacidade, o seu poder e a sua força de educadora. Se Deus continuar a abençoar-nos de modo a que possamos ter um grupo de adoração junto ao Santuário, então ainda poderemos esperar mais. Se procurarmos o Reino de Deus, «tudo o mais nos será dado por acréscimo» (cf. Mt 6, 33).

(29) Nossa Senhora permanece fiel. Não têm de se angustiar. Em geral, há muito pouca fidelidade. Nossa Senhora é a Virgo Fidelis («Virgem Fiel»). Ela ama-nos mesmo que não andemos com as vestes tão limpas; inclusive se alguma vez já lhe voltámos as costas, Ela permanece fiel. A sua fidelidade só termina quando sabe que estamos lá em cima no Céu.

(30) Portanto, minhas queridas irmãs, alegremo-nos de coração por termos sentido tão nosso e tão próximo o Santuário nesta noite. É como em 1914, quando os nossos jovens se juntaram! Quanto trabalharam!

(31) Estamos numa hora decisiva da história da nossa Família. Se não conseguirmos deitar por terra o mencionado muro, então Nossa Senhora tirar-nos-á a missão para a Alemanha e empreenderá uma tentativa de salvação a partir dos Santuários filiais. Ela permanece fiel à Aliança! Se alguns ramos da nossa Família, por cobardia e fraqueza, não corresponderem a fidelidade por fidelidade, então poderemos presumir que a sua missão passará para nós.

(32) Dois pensamentos devem conduzir-nos na luta, dois lemas que, como estrelas, devem brilhar na nossa vida. Um é: «Tua res agitur! Clarifica-te!» («Trata-se da tua missão, da tua tarefa, glorifica-te e à tua obra!»). O segundo é: «Mater perfectam habebit curam!» («Nossa Senhora cuidará de maneira perfeita!»). Se nos esforçarmos, em toda a parte onde pudermos, por puxar o seu carro de triunfo, Ela cuidará de nós e da sua Obra de Schoenstatt e guiá-la-á, vitoriosa, através de todas as lutas, tal como fez nos passados anos de perseguição.

(33) Por outro lado, e na medida em que a nossa debilidade nos permitir: «Mors sola!». Só a morte pode separar-nos: só a morte pode separar-nos da obra, separar-nos do nosso santuário.

É como se só agora começássemos a viver, como se tudo o que vivemos até agora fosse apenas um pedaço de pré-história. Só agora começa propriamente a história, a história do novo Schoenstatt no Chile, de modo semelhante a Schoenstatt em 1914/1915.

(34) E como nos devemos sentir felizes, nós os que, juntos, fomos chamados a ser a geração fundadora e queremos deixar-nos submergir, com o nosso ser e a nossa vida, nos fundamentos do Santuário... Também nós queremos morrer! Não literalmente! Mas queremos levar isto a sério: deixar-nos submergir nos fundamentos do santuário, mergulhar no Santuário a força da nossa vida e do nosso amor. Queremos ser as suas colunas de apoio.

(35) Tudo isto se pode resumir nas palavras «eu ofereço-me de novo a vós e vós ofereceis-vos reciprocamente a mim. Vamos juntos a todo o lado, mas, primeiro, vamos juntos rumo ao coração de Nossa Senhora, ao coração da Santíssima Trindade.

(36) Nossa Senhora ofereceu-nos mutuamente uns aos outros. Queremos permanecer reciprocamente fiéis: um no outro, um com o outro, um para o outro, no coração de Deus. Se não nos reencontrássemos aí, seria algo terrível. Aí devemos voltar a encontrar-nos!

Não devem pensar: «Vamos para Deus; por isso, devemos separar-nos». Eu não quero ser apenas um sinalizador de caminho. Não. Vamos um com o outro. E isto por toda a eternidade. Como seria errado ser somente sinalizador de caminho! Estamos um junto do outro para nos inflamarmos mutuamente.

Pertencemo-nos mutuamente, agora e na eternidade. Também na eternidade estaremos juntos, um no outro. E este amor mútuo, de pessoa a pessoa, é uma eterna plenitude de amor e um no outro, um com o outro, contemplaremos, então, a nossa querida Mãe e a Santíssima Trindade.

*Nos cum prole pia...*